

RECENSÃO:

FÉLIX, Sebastião de Matos. A transmissão da fé. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

Jhon Aldwin Pabón Ocampo

Bacharel em Teologia pelo Centro de Estudos Filosófico-Teológicos Redemptoris Mater de Brasília. Email: jhonalddwin@rmater.org.br

A fé vem pelo ouvido conforme descreve o apóstolo Paulo (Rm 10,17). Por essa razão a Igreja, desde seus primeiros momentos de existência, sempre se dedicou à pregação da palavra, quer dizer, à transmissão da fé. Entrando no seio das famílias e transformando-as em Igrejas domésticas, a fé cristã, alicerçada na tradição e na fé judaica, introduziu a realidade da transmissão da fé aos filhos, como parte do mandamento essencial do amor a Deus (Dt 6, 4-9). Sabendo disso e tendo percebido a forte, vertiginosa e instável mudança dos tempos que trouxe consigo a dificuldade de conservar e defender a fé dos filhos, o padre Sebastião de Matos Felix quis realizar a obra “¡Háblales em casa! Transmisión de la fé”. Redigida originalmente em espanhol, a obra foi traduzida por Gentil Avelino Tilton e publicada no ano de 2020 na língua portuguesa sob o nome de “A transmissão da fé”. Antes, contudo, de aprofundar nas especificidades do texto, mostra-se necessário descrever sumariamente alguns dados sobre o autor, para compreender melhor a intenção de sua obra.

O padre Sebastião de Matos Felix é brasileiro, nascido em Brasília no ano de 1966. Recebeu licenciatura em matemática e também é técnico em eletrônica. Faz parte das comunidades neocatecumenais desde 1980 e ali nasceu sua vocação sacerdotal. Foi formado como presbítero no seminário *Redemptoris Mater* de Guadalajara no México e atualmente está em missão

como reitor do seminário *Redemptoris Mater* da arquidiocese do México. Como ele mesmo o descreve nas primeiras páginas da obra, a intenção principal é dar um suporte textual e de testemunho aos pais que vivem a grande missão da transmissão da fé aos filhos.

Falando agora da obra em si mesma, a primeira coisa a ser colocada em relevo é a sua dinamicidade e forte pedagogia. Tendo uma intenção claramente formativa, a obra foi lançada com duas versões do livro: uma para os pais e outra para as crianças. O primeiro contém grande quantidade de relatos e experiências baseados nas diversas tradições judaicas da transmissão da fé e do testemunho dos santos cristãos. O segundo, adotando a lógica descritiva do primeiro, contém diversos exercícios lúdicos que ajudam as crianças a compreender melhor os diferentes relatos que os pais narram desde o primeiro livro.

Em ambas partes, a abordagem de cunho pedagógico é perceptível pela divisão interna da obra. O autor compreende e tenta dinamizar seu escrito dividindo em 7 capítulos os diversos relatos, incluindo também algumas peças teatrais. Cada uma das partes conglomera de modo muito preciso realidades da fé, que vão desde suas noções básicas, até a descrição de verdadeiros caminhos de espiritualidade cristã. Assim, esta grande ferramenta de formação e transmissão da fé pode atingir qualquer pessoa, seja ela uma criança em seus primeiros anos de compreensão da fé ou até o próprio progenitor que dela faz uso para a educação de seus filhos.

Além do traço educativo, a carga existencial e experiencial dos textos é impressionante. Sabendo que a fé é um encontro pessoal com Jesus Cristo, o autor não teme em colocar em diversas partes da obra, experiências pessoais de sua própria caminhada de fé. Isso, porque compreende, assim como o faz a Igreja, que a educação e formação na fé são também exemplares e comunitárias e que não podem ser realidades desencarnadas. Agora bem, sabendo das diversas generalidades do texto, pode-se passar às particularidades. Para isso, seguir-se-á a própria divisão do texto.

No primeiro capítulo, titulado “*Midrashim*, fatos e contos judaicos” o padre Sebastião recolhe, desde as fontes mais variadas, diversos *Midrashim*¹ e contos Talmúdicos², que iluminam o primeiro mandamento da lei de Deus colocada em hebraico no cabeçalho do capítulo. Os *Midrashim*, seguindo a lógica narrativa das Sagradas Escrituras, delineiam um aprofundamento da *Torah*, compreendendo-a como fonte e fim da revelação de Deus ao povo judeu, e desde a qual os cristãos também recebem luz a respeito da história salvífica e da primeira aliança. Dando início na criação e passando pelas diversas etapas da vida dos patriarcas, os *midarshims* visam expor as raízes da fé e, sobre tudo, a sua realização histórica. Mantendo sob o olhar a caráter performativo da Palavra de Deus, tanto os diversos rabinos que escreveram os relatos, como o mesmo padre Sebastião que os recopila, visam tocar os ouvintes para que eles mesmo se incluam e se “personifiquem” nos diversos momentos dessa história, e assim também eles sejam protagonistas de uma vida de salvação.

O evento da páscoa de Israel e toda a sua ritualidade e liturgia mostraram-se centrais nessa parte do livro. Sua relevância radica no próprio mandamento que sustenta a intenção da obra inteira. A transmissão da fé às gerações futuras só pode acontecer graças ao mostrar-se de Deus que liberta e faz aliança com o povo. Assim, os pais que transmitem a fé aos seus descendentes, veem-se chamados a mostrar o Deus que age e liberta, o Deus que faz Páscoa com os homens. E para que esta missão não se veja lesada pela divergência entre a vida e o relato, o autor inclui alguns contos talmúdicos, que vem na segunda parte do capítulo. Nestes, pode-se encontrar aquele estilo parenético próprio da cultura judaica, em que se tenta instruir, por meio de referências experienciais, a vida dos ouvintes para aprender a discernir nos fatos a presença divina e a reta forma de agir. Nada melhor para complementar a primeira parte.

¹ Entenda-se por *midrashim* o conjunto de relatos do método judaico que facilita de transmissão dos diversos pontos da antiga aliança.

² Por talmude deve-se compreender a obra que reúne discussões rabínicas, contos, parábolas, tradições e narrativas da cultura hebraica na sua direta relação com a *Torah*.

No segundo capítulo, chamado “contos, ditos e fatos da vida dos santos”, o padre Sebastião dá um passo histórico e teológico importante ao centrar-se na figura dos santos cristãos. Estes, foram excelentes testemunhas da fé, posto que encarnaram historicamente os diversos artigos do Credo apostólico, colocado com muito acerto na primeira página do capítulo. Em suma, como o mesmo autor disse, os santos são manifestação de que “a luz de Cristo, quando acolhida, tudo transforma” (p. 75).

Sem seguir uma ordem cronológica estrita, mas de algum modo geográfica e cultural, o autor decide citar no início do capítulo alguns relatos daqueles que foram as testemunhas oculares e diretamente experienciais do evento Cristo. A mesma virgem Maria encabeça os relatos, já que ela, como considera o Concílio Vaticano II, é santa em todos os sentidos³. Também alguns Apóstolos contam nesta lista de 7 relatos. A seguir, tendo como pano de fundo a relação inter-religiosa entre os judeus e os cristãos o padre Sebastião quis elencar as ações exemplares de São Maximilano Maria Kolbe, Santa Edith Stein e São João XXIII.

Deixando um pouco de lado essa realidade das relações inter-religiosas, os relatos ou escritos dos santos que vem na sequência estão sim cronologicamente organizados. Podem ser encontrados mártires da era das grandes perseguições, santos das grandes reformas e formadores de ordens religiosas, grandes teólogos e os místicos espanhóis, santos próximos ao nosso tempo e à nossa geografia. Grandes nomes se acham nesta lista, tais como São Francisco de Assis, são Domingos de Gusmão, Santa Catarina de Sena, Santa Teresa de Jesus, São Francisco Xavier, São Martinho de Lima, São José Maria Escrivá, Santa Faustina Kowalska, Santa Maria Goretti, entre muitos. Todos eles tendo em comum o amor a Cristo e o amor aos homens, vivido e transmitido nos mais diversos âmbitos vitais e vocações. Homens e mulheres como nós, decididos pela vida eterna. Homens e mulheres que encarnaram a *Sequela Christi* até as últimas consequências.

³ Cf. CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965. Constituição dogmática *Lumen Gentium*: sobre a Igreja. n. 52-69.

Se o segundo capítulo ressalta e chama, pela exemplaridade, à santidade como fim próprio da vida humana, o terceiro capítulo mostra, de modo instrutivo, os diversos caminhos que podem ser seguidos para alcançar tal fim. Encabeçado pela oração do Pai Nosso, redigido em aramaico, este capítulo recolhe “contos e ditos dos Padres do deserto”. Ainda que todos os autores aqui recopilados pertençam também à grande lista dos santos cristãos, o tipo do seu ensinamento, sempre teve, na consciência da Igreja, uma consideração especial. Isso porque condensam, de maneira impressionante e simples, já não o início da fé, mas o caminho do amadurecimento pelo combate. Assim, pois, este capítulo, como o mesmo Padre Sebastião o descreve, é especialmente dedicado aos pais que se veem diante da tarefa da educação de filhos jovens ou adolescentes. Nos diversos relatos é perceptível o convite ao diálogo, e sobre tudo à confiança; confiança que deve radicar-se primeiro na própria paternidade de Deus que cuida de seus filhos, mas também na paternidade humana que, desde as possibilidades históricas, ensina como defender o bem precioso da fé. Sem muitos rodeios nem explicações complexas, os contos dos padres fundadores como Pacômio, Antão, Basílio, Agatão, Efrem, entre muitos, descrevem fundamentalmente os meios de defesa da luta sem trégua contra o demônio. Mostra-se particular o fato de que seja o deserto o meio onde suas experiências são vividas porque aludem ao próprio deserto que a vida humana e de fé muitas vezes podem ser. O deserto é, como diz a Escritura, o lugar onde estão os demônios (Lc 11, 24-28), mas também onde pode crescer e florescer o amor entre Deus e seu povo (Os 2, 14-23). Eis o objeto deste capítulo: ajudar os pais a educar os jovens nas lutas dos diferentes campos da sua vida, para encontrarem sua própria experiência pessoal de amor com Deus Pai.

Dando sequência na descrição da obra chega a vez do quarto capítulo, o mais extenso de todos. Titledo “contos e fatos”, este segmento se difere

⁴ Os Padres do deserto “surgem” no Egito entre o século III e IV e são considerados os pais do monaquismo cristão. Pela sua ânsia de avanço na experiência da fé enveredaram e descobriram vias para tal fim. São chamados também Pais do deserto, posto que também exerciam nas comunidades monacais ou eremitas o serviço da paternidade espiritual.

dos anteriores porque corresponde a um grande compilado de experiências pessoais próprias e alheias que o padre Sebastião faz. Como bem esclarece no início do capítulo todos os relatos são histórias reais que ele mesmo vivenciou, ou que escutou de outras pessoas, ainda que, no texto, os nomes ou localizações possam ser fictícias e o estilo narrativo possa ser idealizado. Encabeçado pelas bem-aventuranças, escritas em grego, este capítulo pode ser considerado o centro da obra. Isso porque, contendo experiências coetâneas aos leitores, são como que a certificação de que o lido nos capítulos precedentes pode e efetivamente se cumpre na vida de quem o acolhe. No fundo, são vidas que chamam à vida; são testemunhos que impulsionam testemunhos; são promessas cumpridas que alimentam a esperança, a fé e a caridade de quem, com humildade, se aproxima delas. As linhas deste segmento são dirigidas a qualquer leitor, e tocam nos mais diversos âmbitos da vida como as relações humanas, a sexualidade, a vocação, a missão, a idade, as tentações, os pecados, a misericórdia, em suma, o agir divino na existência do homem.

Seu estilo narrativo, aplica em toda sua extensão aquele tom catequético-narrativo que se vê nos diversos livros da Sagrada Escritura e também dos grandes escritos dos santos. Assim o padre Sebastião introduz de modo tácito e sutil um método de transmissão de fácil compreensão para os pais diante dos filhos, em especial quando ainda estão em fases de crescimento sensíveis ou, talvez, sejam pessoas alheias ao círculo familiar próximo que escutam por primeira vez falar da fé cristã e sua verdade.

O quinto capítulo contém diversas adaptações teatrais para muitos relatos dos capítulos precedentes. O autor realça especialmente aqueles relatos que aludem a solenidades do Senhor do ano litúrgico como o Natal, a Epifania e a Páscoa. Isso porque podem ser ferramentas úteis na interiorização desses mistérios, sobre tudo para aqueles filhos ainda em fase de crescimento e conhecimento do mundo.

O sexto capítulo, cortando com a realidade narrativa e catequética dedica suas linhas de uma forma um pouco acadêmica ao propor um dicionário temático bíblico. Nele é possível encontrar diversos verbetes temáticos que possuem algumas referências escriturísticas que esclarecem tanto para os pais como para os filhos o tema visado. Ainda que aparentemente utilitário, este capítulo centraliza a Sagrada Escritura como o verdadeiro e principal elemento na missão da transmissão da fé. Ao dar relevo às Escrituras como chave de interpretação temática, o autor abre a porta a uma fonte infinita para os pais e para os filhos, posto que como o mesmo Senhor disse nelas "Elas falam de mim" (Jo 5,39). Se a fé é um encontro pessoal com Cristo, e as Escrituras dele falam, então ter contato com estas, é ter contato com Cristo.

Finalmente na sua conclusão o autor alude ao apelo do papa Francisco diante da educação dos filhos e também aconselha e anima os pais diante da dificuldade de sua missão. Sem idealizar tal tarefa, mas antes conhecendo o árduo caminho a percorrer, o padre Sebastião ainda inclui, num apêndice, algumas recomendações iconográficas, catequéticas e até litúrgicas para a vida da Igreja doméstica: a família cristã.